

Este número especial da revista *Signótica* é intitulado “Volta ao mundo em língua portuguesa: ensino, promoção e cultura”. O comitê editorial que atuou nesta edição avaliou artigos que têm em comum o fato de resultarem de apresentações e discussões em mesas-redondas e/ou de simpósios integrantes do IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (IV SIMELP), que se realizou de 2 a 5 de julho de 2013, na Faculdade de Letras da UFG, sob o tema *Língua portuguesa: transpondo fronteiras, unindo culturas*. São trabalhos que enfocam o ensino, a literatura e a cultura, e a política de promoção da língua portuguesa.

O IV SIMELP congregou estudiosos da língua portuguesa de todo o mundo em mesas-redondas, sessões de pôsteres e simpósios constituídos como espaços de discussão nas áreas da linguística, da literatura e da cultura. Como na primeira edição do SIMELP em 2008 (na USP, Brasil), na segunda em 2009 (na Universidade de Évora, Portugal), e na terceira em 2011 (na Universidade de Macau), o IV SIMELP contou com a participação de universidades de todos os continentes: foram mais de 2.000 inscritos, entre pesquisadores, alunos de graduação, pós-graduandos, professores da educação básica e do ensino superior. Especialistas da área integraram mesas-redondas cujos temas envolvem variação linguística, política linguística, ensino, gramática e literatura.

Isso mostra que, indo ao encontro dos pactos oficiais e da política acadêmica brasileira para a promoção da língua portuguesa, o SIMELP se constitui como uma ação efetiva de fortalecimento, divulgação e valorização da língua portuguesa no cenário mundial. Ao colocar a cultura e a língua portuguesa em foco, seus idealizadores e seus participantes pretendem contribuir efetivamente para o curso atual da consolidação da língua portuguesa, como um reflexo das possibilidades de interação internacionais decorrentes do papel atual dos países de língua portuguesa como comunidades politicamente reconhecidas.

Neste número especial da revista *Signótica* pretende-se *dar uma volta ao mundo em língua portuguesa* através de, pelos menos, um trabalho representativo de cada continente em que ela se faz presente como língua oficial. Essa presença faz jus à sua origem mais remota, o Latim falado na antiga Roma, situada no Lácio, região central da Península Itálica, que transpôs as mais diversas barreiras territoriais e não territoriais para difundir-se em grande parte do mundo conhecido da época.

Em seu processo de constituição e difusão, a língua portuguesa vem se transformando pelo uso, pela interação entre os falantes, e atualmente é possível traçar uma linha que une países e regiões nas localidades mais remotas do planeta terra. Os continentes e os respectivos países (ou regiões) em que a língua portuguesa está presente como língua oficial são, respectivamente, África: Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, arquipélago de Cabo Verde e ilhas de São Tomé e Príncipe; América: Brasil; Ásia: Macau; Europa: Portugal, arquipélago dos Açores e Ilha da Madeira; Oceania: Timor-Leste.

Para a *volta ao mundo em língua portuguesa* ser mais completa, no entanto, cabe explorar territórios em que o português tem *status* de língua estrangeira ou de língua de herança. Por isso, chegaremos até os Estados Unidos, na América do Norte, e adentraremos além da Europa lusófona.

Assim, os trabalhos deste número especial dão um panorama da realidade da língua portuguesa em diferentes países, e extrapolam os contextos oficiais esperados. São uma amostra de alta representatividade do português como veículo de singularidade e, ao mesmo tempo, diversidade cultural; como mecanismo político de transposição de barreiras impostas pelos homens e seus regimes; como expressão de povos, suas crenças, sua história, sua maneira de ver e representar os eventos do mundo sociofísico e do mundo imaginário; entre outros muitos atributos que lhes são inerentes.

A temática “políticas públicas para o ensino de Português” é abordada em trabalhos que enfocam a realidade de Portugal e de Macau, na China. A valorização da cultura e da literatura é promovida a partir do mote “a base africana do léxico português” e a configuração descritiva do português do Timor-Leste. O tema “política de promoção e de difusão” é desenvolvido em trabalhos envolvendo o ensino do

português como língua estrangeira e o papel diplomático da literatura em língua portuguesa.

Madalena Teixeira, professora do ensino superior, pesquisadora e formadora de professores da Educação Básica, em coautoria com Mónica Nunes, assina o artigo “Políticas públicas para o ensino de português, em Portugal: a voz de quem implementa e de quem pesquisa”. As autoras reconhecem resultados pouco satisfatórios obtidos por estudantes portugueses, na entrada do corrente século XXI, momento em que Portugal vivencia um contexto de intensas reformas educativas no que respeita ao ensino do português. Trata-se do *Programa Nacional de Ensino do Português*, destinado a professores do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) e que tem o objetivo de melhorar os níveis de compreensão e de expressão oral e escrita e de compreensão da leitura em todas as escolas do 1º CEB. Incidindo neste modelo e na respetiva dinâmica de formação contínua que está na base deste Programa, as autoras propõem ainda, neste texto, realçar as implicações do Programa na formação inicial do aluno, apresentando os resultados de uma investigação que pode contribuir para futuras experiências de linguística aplicada no âmbito da consciência fonológica e na aprendizagem da leitura, e ajudar na prevenção de dificuldades no desenvolvimento de competências de leitura.

Roberval Teixeira, da Universidade de Macau, e Maria Célia Lima-Hernandes, da Universidade de São Paulo, fazem uma incursão inicial no universo complexo das políticas linguísticas de Macau, na China, especialmente em relação à língua portuguesa. A Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), sua configuração geopolítica e realidade linguística, o documento oficial intitulado Declaração Sino-Portuguesa (1987) – um marco para a construção de ações para o gerenciamento de línguas no território – estão no centro das discussões. Os autores atentam para o *status* transnacional atribuído ao idioma e para o fato de que há muito se vislumbra a urgência da adoção de medidas políticas que reconheçam a globalização, a multidiversidade e o consequente multilinguismo desse território. Outra contribuição relevante envolve a noção do português como língua policêntrica.

Dando voz a quem executa as políticas públicas para o ensino de língua portuguesa na RAEM, Ana Rute Santos, educadora de infância da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, do Governo de

Macau (China), procura partilhar, em seu artigo “Escolas oficiais de Macau (China)”, a sua experiência com o ensino de português em jardins de infância de Macau. Enfocando aspectos relacionados às orientações oficiais para o ensino de língua portuguesa, por um lado, e às estratégias e metodologias adotadas no trabalho pedagógico, por outro, a autora propõe uma descrição geral do contexto de uma das escolas luso-chinesas. Conforme depoimento da própria autora, a maioria das crianças em Macau é chinesa, mas existem crianças filipinas, portuguesas, tailandesas, inglesas, francesas, cabo-verdianas e de outras nacionalidades. Além disso, muitas crianças são bilíngues ou trilingues, visto que vêm de casamentos mistos ou interagem com empregadas domésticas de outras nacionalidades. A sala de aula constitui, então, um espaço social multilíngue, em que “o português aparece como uma formalização da multiculturalidade na escola, numa continuidade do que se passa na sociedade.” A autora apresenta no texto os sujeitos envolvidos no processo de escolarização e exemplos de produções dos alunos, com o propósito de refletir sobre o significado de se aprender português em contexto multilíngue.

A valorização da literatura e da cultura em língua portuguesa em sua diversidade e confluências é tematizada por Josiley Francisco de Souza, professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador de expressões poéticas de tradição oral. Em seu artigo “África toma a palavra” o autor comenta que a arte de contar histórias é milenar e constitui-se como “atividade essencial das sociedades para garantir a manutenção de memórias e saberes.” Segundo ele, o continente africano é um dos lugares de maior manifestação dessa arte. Para Souza, no português brasileiro, a arte de contar histórias se faz presente, mas o mais interessante é que, em muitas narrativas, “a África toma a palavra” e se revela no léxico por meio de palavras do grupo banto. Para o autor, pela natureza estrangeira dessas palavras, elas podem provocar estranhamento e chamar a atenção da maioria dos falantes do português brasileiro. Graças a isso, tais palavras contribuem para que se perceba nas narrativas uma evidente inscrição de vozes e culturas negro-africanas. Dados revelam que, em oitenta narrativas orais registradas no Brasil, cerca de 260 palavras são de provável origem africana e 75% desse número foram identificadas como de origem banto. O autor apresenta como exemplo a palavra *terecô*, cuja

derivação provável é de *intelêkô*, uma palavra de origem banto que tem significado idêntico a *candomblé*. Dentre as conclusões de Souza, ele afirma que o diálogo entre as culturas brasileira e africana revela que, ao invés de se produzir “uma imposição da cultura do colonizador e do silenciamento de expressões culturais autóctones, emerge o dinamismo da transformação e da apropriação nos contatos entre diferentes línguas e culturas em terras africanas.”

O Timor-Leste e sua singularidade são o tema do artigo de Davi Borges de Albuquerque (UnB), intitulado “Influências das L1 nativas no português de Timor-Leste: um estudo dos marcadores verbais”. O autor analisa no português falado em Timor-Leste o uso de certos advérbios aspectuais e modais do verbo, como forma de comprovar a influência da língua materna (L1) do falante na língua de contato, no caso o português do Timor. Segundo o autor, a maioria das línguas nativas de Timor-Leste tem origem austronésia e apresenta uma grande quantidade de marcadores pré e pós-verbais para expressar diferentes categorias gramaticais no verbo. O pesquisador apresenta como exemplo o marcador *já* com função aspectual perfectiva; o marcador *ainda*, que expressa aspecto progressivo/durativo; e o marcador *ainda não*, que atua na língua como modalizador negativo.

A língua portuguesa em contexto europeu românico é enfocada por Liliane Santos, da Université Charles-de-Gaulle – Lille 3, e por Vânia Cristina Casseb-Galvão, da Universidade Federal de Goiás. Nesse mesmo contexto, Elias Feijó, do Grupo Galabra da Universidade de Santiago de Compostela, coloca em relevo a literatura portuguesa europeia.

Liliane Santos apresenta um estudo sobre a versão franco-brasileira do projeto *Teletandem Brasil*, que envolve alunos de português de uma universidade francesa e alunos de francês de uma universidade brasileira em um processo de aprendizagem colaborativa. O artigo apresenta os primeiros resultados da investigação sobre a construção das representações identitárias e culturais dos alunos envolvidos, tendo como um dos aspectos relevantes a preponderância do Brasil como tema das sessões em português. O artigo também trata dos possíveis conflitos decorrentes da confrontação entre uma identidade portuguesa muitas vezes reivindicada pelos alunos franceses e uma identidade francesa que lhes é atribuída pelos alunos brasileiros, e mostra que uma

parceria bem sucedida envolve identificação linguística e cultural clara e madura por parte dos interlocutores.

Vânia Cristina Casseb-Galvão contempla o português brasileiro a partir de discussões e reflexões promovidas na mesa-redonda “SIMELP: produtos e projeções”, que resultaram no artigo intitulado “Uma proposta para a promoção do português brasileiro em contexto europeu não lusófono: aspectos didáticos, políticos, econômicos, sociais e linguísticos”. A autora apresenta uma proposta de promoção e valorização da língua e da cultura brasileiras em contexto europeu não lusófono e suas sugestões se casam com as de De Rosa (no prelo), que propõe a criação de uma política linguística de difusão do português brasileiro como forma de “agilizar as práticas de recrutamento de leitores e a abertura de mais leitorados nas universidades estrangeiras, com programas de co-financiamento”. O texto de Casseb-Galvão apresenta uma proposta de estabelecimento de um convênio internacional entre a Faculdade de Letras da UFG e a Universidade Del Salento, sediada em Lecce, no sul da Itália. Segundo Casseb-Galvão, a ideia é oferecer seminários, escolas de altos estudos, cursos de curta duração, estágios de pós-graduandos e pós-doutorais, tendo sempre o português brasileiro, no geral, e a variante do português falado em Goiás, em específico, como eixos do projeto. A macroestrutura do texto prevê reflexões a respeito da relevância da proposta, do aporte teórico-metodológico e alguns resultados esperados.

Ainda em destaque à realidade europeia, Elias Torres Feijó, do Grupo Galabra da Universidade de Santiago de Compostela, no artigo “Estudos da literatura e da cultura no âmbito da língua portuguesa e diplomacia da cultura: carências e possibilidades”, traz questões relativas às políticas diplomáticas e de unificação entre países de língua portuguesa. O autor seleciona como parâmetros de análise os aspectos culturais mais relacionados à língua – como elemento de intersecção entre tais países – e à literatura. Em vista da constatação da carência de uma política cultural articulada e de uma prática diplomático-cultural conjunta, Feijó propõe mecanismos, estratégias e políticas para a efetivação dessa articulação. Apresenta o Acordo Ortográfico, as ações do Instituto Internacional de Língua Portuguesa e da Associação de Universidades de Língua Portuguesa como propostas que favorecem o diálogo entre as culturas de língua portuguesa. Constata, porém, que

ainda precisa ser feito mais para que a noção de intersistema – conjunto de sistemas que possuem pontos de contato, relacionamento ou presenças, subjetivos e objetivos, na sua produção cultural, suficientes para interpretar elementos como únicos em relação a outros sistemas e necessários para alicerçar fluxos de importância relativa entre eles – seja efetivada no processo de dialogização entre os países que têm em comum a língua portuguesa.

Fazendo coro ao movimento que reconhece a necessidade de promoção do português brasileiro, o texto de José Marcelo Freitas de Luna, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Itajaí, intitulado “A presença (expansão atual) do português brasileiro nos EUA”, descreve e explica, na perspectiva historiográfica, como o ensino de português brasileiro iniciou-se e desenvolveu-se nos Estados Unidos da América (EUA). Para o autor, entre 2010 e 2012, muitas notícias têm sido publicadas sobre o interesse do mundo no Brasil. O fato de o Brasil sediar a Copa do Mundo de 2014 despertou o interesse de investidores e de vendedores de produtos e serviços de muitos países, além de o Brasil estar “na moda” nos Estados Unidos. Nesse contexto, pesquisas têm mostrado também o interesse dos americanos no português brasileiro com objetivos instrumentais, devido a interesses comerciais. O autor destaca que o atual crescimento do ensino instrumental de português brasileiro nos Estados Unidos é comprovado por recentes pesquisas, mas elas não revelam que o interesse pela língua brasileira é anterior à divulgação do Brasil como país-sede da Copa do Mundo. Desde a Segunda Guerra Mundial, aprender a língua dos povos com os quais os Estados Unidos estavam envolvidos era uma meta, ao mesmo tempo, militar, estratégica, política e econômica.

De posse do aforismo de Guimarães Rosa de que “quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive, e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente”, considera-se que este número da revista *Signótica* é a expressão máxima desse espelho identitário que é a língua portuguesa em suas múltiplas manifestações culturais no mundo. Este número da revista é a expressão máxima de uma língua dinâmica, que rompe fronteiras e une culturas, tal como manifesta o *slogan* do IV SIMELP. Uma língua que – o leitor perceberá ao ler os textos escritos em português brasileiro,

européu, timorense – é vária, múltipla, fluida... no léxico, na sintaxe, na semântica. Inculta e bela, a flor do Lácio ganha o mundo.

Boa viagem, ops, leitura a todos!

Vânia Cristina Casseb-Galvão
Leosmar Aparecido Silva